



**Semana de 11 a 22 de outubro de 2021.**

Unidade escolar: EMEF Caio Fernando Gomes Pereira	
Componente curricular: História	
Professor: Manoel Messias Oliveira dos Santos	
Aluno (a):	Série: 7º ano

**Texto: As comunidades indígenas e o olhar dos portugueses.**

Os costumes indígenas eram muito particulares. Viviam nus. Faziam bebidas alcoólicas de raízes. Cada tribo tinha seus rituais, suas festas, seus cantos, suas brincadeiras. Nas tribos, toda a produção era dividida entre os seus integrantes. Não havia ricos nem pobres. A posse da terra era coletiva e também os instrumentos de trabalho. Não havia propriedade privada, ou seja, ninguém era dono sozinho da terra, dos instrumentos de trabalho ou dos alimentos. A posse era coletiva. Todos pertenciam a uma comunidade, todos trabalhavam, todos brincavam, todos festejavam suas vitórias. Um guerreiro que se destacasse por sua habilidade de caçar ou guerrear tornava-se um ídolo da tribo. As mulheres sentiam-se honradas com sua presença. Os mais novos queriam seguir os seus passos. Os mais velhos ficavam orgulhosos de seu desempenho. Era como um craque de futebol. Um artilheiro que traz alegria a sua torcida.

A noção de trabalho era também muito particular. Quando os recursos naturais eram abundantes, trabalhavam poucas horas por dia. Se houvesse necessidade, trabalhavam um pouco mais: apenas o necessário para a sobrevivência da tribo. Viviam sob uma economia de subsistência. Não se produzia com o objetivo de fazer comércio. Não havia dinheiro. No máximo, alguns instrumentos, armas e ferramentas pessoais poderiam ser trocados por outros. Nas aldeias, todos trabalhavam. Aos homens cabia a guerra, a caça, a produção de armas e ferramentas. Às mulheres, em geral, eram reservadas a responsabilidade pelo cuidado dos filhos, a produção de cerâmica e as atividades agrícolas. Havia, portanto, uma divisão sexual do trabalho. Desde criança, o indígena aprendia a fazer seus instrumentos: arcos, flechas, lanças, enfeites, utensílios de cerâmica, chocalhos, ocas e fogueiras. Como todas as crianças, os pequenos imitavam a vida adulta em suas brincadeiras e brinquedos.

A partir de 22 de abril de 1500, quando os portugueses passaram a frequentar a América, a vida das comunidades indígenas começou a se alterar. Os europeus buscavam riquezas, vestiam roupas pesadas, carregavam armas de fogo, desejavam propriedades. Não entendiam como essas pessoas podiam viver nus. Por que não procuravam acumular riquezas? Como conseguiam viver em comunidades baseadas no princípio da igualdade social? Questões como essas talvez tenham incomodado os portugueses ao depararem com os nativos que encontraram aqui na época em que chegaram. Os indígenas, por sua vez, não conseguiam entender os europeus, que enchiam navios com troncos de pau-brasil, árvore que existia em toda a extensão da Mata Atlântica. De onde vinham não havia lenha para se aquecer ou cozinhar? A terra que tinham não era suficiente para alimentar seus filhos? Por que atravessavam mares para chegar a lugares tão distantes? Por que achavam que o modo de vida dos indígenas era errado?

## ATIVIDADE

1) Escreva “F” para falso e “V” para verdadeiro nos espaços de cada afirmação sobre os costumes indígenas:

- a-( ) Cada família indígena tinha sua própria terra para cultivar;
  - b-( ) Somente as crianças da aldeia tinham o hábito de brincar;
  - c-( ) Os grandes guerreiros eram admirados pelas mulheres;
  - d-( ) Havia divisão de trabalho entre homens e mulheres;
  - e-( ) Os indígenas não conheciam ou praticavam a propriedade privada;
  - f-( ) As crianças aprendiam a produzir seus próprios instrumentos.
- 2) Quais eram as atividades exercidas pelas mulheres indígenas?
- 3) Quais eram as atividades exercidas pelos homens indígenas?
- 4) - Quais eram as dúvidas dos portugueses em relação aos costumes dos indígenas?
- 5) Quais eram as dúvidas dos indígenas em relação aos costumes dos portugueses?
- 5) Como era a noção de trabalho entre os indígenas?

---

## BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, Flávio de. (et al) *História – escola e democracia* (7ª ano). São Paulo: Moderna, 2018,